

MUSICOTERAPIA, CULTURA E IDENTIDADE

Mariana Gomes Godinho de Castro⁵⁰

RESUMO

Com base na pesquisa bibliográfica e análise interpretativa, este trabalho tem como objetivo explicar, brevemente, conceitos de cultura que fundamentam o pensar da Identidade na pós-modernidade. A partir deste conceito, aponta-se para a identidade sob a ótica do campo musicoterapêutico, e suas co-relações com a perspectiva antropológica do mesmo. Neste parâmetro de discussão, a relevância deste conceito na formação do musicoterapeuta e o cliente no contexto musicoterapêutico.

Palavras-chave: musicoterapia, cultura e identidade.

INTRODUÇÃO

Este artigo resulta de algumas questões discutidas no trabalho de conclusão de curso, "Diversidade Cultural e Musicoterapia: questões de identidade", da Faculdade de Artes do Paraná, sob a orientação das professoras Bernadete Franco Grilo e Mt. Rosemyriam Cunha. Propõe-se neste momento, discutir o conceito de identidade à luz da perspectiva antropológica, e este mesmo conceito no campo musicoterapêutico. Nesta premissa, pretende-se discorrer, brevemente, como se desenvolveu o conceito de Cultura historicamente, para que se possa chegar num conceito atual e discutir a Identidade na pós-modernidade. Sob esta ótica, as relações que se pode fazer entre os campos teóricos citados acima, e a relevância desta relação como fundamentação teórica à reflexão do sujeito e/ou cliente em Musicoterapia.

Musicoterapia e Cultura

Para o entendimento da identidade sob uma perspectiva antropológica, o estudo da Cultura e das Culturas, faz-se necessário para compreender o "surgimento" do conceito de identidade.

⁵⁰ Bacharel em Musicoterapia pela Faculdade de Artes do Paraná. E-mail: ggc_mari@yahoo.com.br

Segundo Laplantine (2000) em meados do século XIX a cultura passa a ser objeto de estudo da ciência antropológica, indicando as diferenças que marcam as fronteiras que separam um grupo humano de outro. À medida que se contextualiza o outro de forma inseparável de sua cultura, torna-se necessário pensá-la como objeto de estudo, para poder pensar o sujeito. Este objeto passa a ser definido como os padrões e comportamentos característicos de um povo. (KUPER, 2002, p. 59)

A discussão sobre cultura sempre relacionou a época histórico-social em que é pensada. Deste modo, após a crise européia da Primeira Grande Guerra, a definição de cultura é relacionada com a complexidade da civilização. As culturas são relacionadas como sistemas mutáveis e construídas através de símbolos, por todos os membros que a constituem.

Ao relacionar a cultura como um sistema construído, diferencia-se a cultura do que é natural. Porém, a natureza sustenta a ação humana. Apesar de serem dimensões distintas, acontece uma relação entre o natural e o construído. Tornando-as dimensões paradoxais. Cultura como construção humana é a idéia de cultura que Chagas expõe em seu trabalho. (CHAGAS, 2001, p. 10). Salienta-se a idéia que, junto à objetividade, numa tentativa de mensurar para compreender este sistema de relações, aparece a subjetividade, para poder ir além do que é mensurável. Neste sentido, as duas, em suas perspectivas, foram e são inevitáveis para a compreensão das influências que os ambientes começaram a causar entre si. Abre-se espaço para um conceito onde cultura se constitui a partir de diversas tendências, sendo um sistema dinâmico que identifica um indivíduo.

A Musicoterapia tem se apropriado do conceito de cultura à medida que pensa o sujeito, e, portanto, o cliente, como um ser social, que reflete em sua ação, sua estrutura social; a maneira de se comunicar; seus costumes, suas idéias, sua concepção de vida e expectativas; sua música, enfim, a maneira de se colocar no mundo. Este sujeito mostra em sua expressão uma gama de características que compõem uma identidade. Assim, um sujeito social possui características em uma dimensão grupal e individual. Respectivamente, características que o diferenciam do outro de um mesmo grupo ou subgrupo, e características que o diferenciam de outro grupo ou cultura.

Identidade como processo na pós-modernidade

O conceito de identidade situa-se inicialmente, na importância de percepção das relações entre o sujeito e políticas de exclusão. A questão posta por Hall (2000), remete ao fato de reconhecer a diferença que reside na relação com o outro, ou seja, na noção de alteridade, na qual a identidade é construída.

Desta forma, a identidade não anula a diferença, pelo contrário, é por meio dela que se constitui. Sendo assim, é neste processo em constante transformação e articulação que o sujeito passa, que o autor chama de produção de “efeitos de fronteiras”, ou seja, uma dinâmica onde o sujeito se percebe e não se percebe no outro. Por ser um processo dinâmico, Hall acredita que, a identidade é um processo sem diferenciação interna, que não tem costuras, é inteiriça (p.109, 2000), segundo este autor:

As identidades (...) têm a ver, (...) com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. (...)'quem nós podemos nos tornar'(...). (HALL, 2000, p. 108 e 109).

Nota-se a identidade pensada e atribuída a um processo de transformação e mudança, que está sempre em construção, no qual a diferença é intrínseca.

Cunha, (2003) ao pesquisar sobre jovens egressos da rua e moradores de periferia de Curitiba, relacionou o processo de constituição de sujeito moral, a partir de um sujeito inserido em um meio, que revela sua identidade grupal através de seu gosto musical e expressões verbais, vindas através da interação destes jovens no “setting” musicoterapêutico. A música o identifica, e identifica também o seu grupo e vice-versa. A musicoterapeuta foi percebendo que, ao se encontrarem frente às possibilidades de expressão de sua musicalidade, estes jovens podiam significar seus valores, decisões e conflitos através da música. Sentiam-se, ao compartilhar pautas de suas identidades, parte de um grupo que dividia os mesmos gostos musicais e também histórias de vida, trazendo vinculada à expressão musical, a idéia de uma identidade grupal, a constituição de um sujeito moral. Neste sentido, toda a educação moral que o sujeito constrói, contribui para a constituição da identidade da pessoa.

Este sujeito pós-moderno, que a partir de um meio, expressa pautas de sua identidade, segundo Hall⁵¹ trazido por Bruschi (2003), possui uma identidade móvel. Ele compõe várias identidades que se transformam em relação ao ambiente que as rodeiam. As identidades podem ser contraditórias e até mesmo não resolvidas, resultando em uma crise de identidade contínua. Assemelhando-se com esta perspectiva, no qual o sujeito é “empurrado” pelo deslocamento de suas identificações, (BRUSCHI, 2003, p. 81-83) Bruschi, fundamentando-se em Kellner⁵², mostra que no mundo pós-moderno, cenas, histórias e imagens da

⁵¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

⁵² KELLNER, Douglas. *Media Culture: cultural studies, identity and politics between the modern and the postmodern*. Nova York: Routledge, 1996.

mídia, influenciam na estrutura de identidade individual do sujeito. Ao mesmo tempo, diz ser um sujeito com “uma maior aprovação à mudança”, por um lado benéfico, à medida que pode ser um sujeito com mais liberdade, e maléfico, no sentido em que pode-se levar uma vida desarticulada, guiada pelas tendências da moda e da publicidade. Nota-se aí a constituição de um sujeito que, influenciado, se altera a partir das identificações que estabelece no convívio de seu dia-a-dia, ao pertencer e se identificar com a coletividade (idem, 2003, p.91).

Nesse sentido, sugere-se que no mundo pós-moderno, as identidades são mutáveis, e se constituem a partir de ações e projetos, bem como, um estilo de vida e aparência, no qual pode ser algo muito instável, no sentido que a mídia a cada dia mostra uma nova imagem e um ícone a ser repetido.

Reflete-se, que além do sujeito se identificar com grupos através de gostos musicais, ele também se identifica através de imagens e ícones expostos pela mídia e publicidade. Sua ação é permeada por uma infinidade de influências e identidades vindas de várias culturas. Por consequência disso, a maneira de se comunicar e se expressar será baseada nessa gama de características e identidades, que segundo Hall (2003), vão se deslocando à medida que o sujeito se identifica com o meio que está. Ao conhecer estas tendências, o musicoterapeuta pode entender as transformações pela qual passa seu cliente, que serão comunicadas e mostradas através da sua experiência musical.

Esta concepção trazida acima sobre a identidade, abrange a perspectiva de diferentes identidades que se complementam ao descentralizar da unidade da identidade, ou seja, indica a concepção pós-moderna de identidade que se baseia na questão da diferença. Percebendo a qual existe em si mesmo, quando em meios diferentes, o sujeito se expressa de formas diferenciadas, bem como as várias visões de mundo, sujeitos e significações a partir de uma mesma ação e mundo simbólico.

Identidade e autobiografia musical

Ao se concentrar num estudo acerca da identidade, Ruud (1998), a partir do estudo do “mapeamento” de canções da vida Autobiografia Musical – dos sujeitos que participaram da sua pesquisa, traz que, na execução de alguma canção escolhida, o sujeito permite através da mesma, reviver sentimentos que contextualizam o momento que o sujeito acredita espelhá-la, bem como significar e re-significar o momento em que a música está sendo executada. Além disso, através das experiências com as músicas de sua Autobiografia, o sujeito caminha para uma organização, realização e domínio, conceitos que considera chave na

formação da identidade (idem, 1998, p. 40 e 41). O autor relaciona a escolha de uma canção no momento em que é tocada, falada e/ ou cantada como o próprio sentido da constituição da identidade, e não como uma representação ou reflexo de nós mesmos. (1998, p, 31). Portanto, a idéia que ao reviver a canção, constrói-se a identidade.

A partir da experiência musical embasada num evento presenciado, o sujeito se constrói. Ao se auto-construir, o sujeito é acionado por suas motivações, desejos, memórias, maneira de contextualizar e estruturar suas experiências. A maneira como cria seu próprio discurso e remete suas fantasias é a identidade. (RUUD, 1998, p. 36) Este movimento, no qual a música internaliza e exterioriza sentimentos e significações, remete a um sentido de pertencimento a um meio social e cultural. Ao relacionar esse sentido de pertencimento ao papel cultural no qual a música nos ancora, o autor discute sobre a identidade pós-moderna num desdobramento do tempo (idem,1998, p. 37), ou seja, uma perspectiva de identidade em construção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir a identidade sob uma perspectiva antropológica, nota-se as relações existentes entre estas definições à reflexões de teóricos do campo musicoterapêutico. Nota-se a identidade – a formação e expressão desta – vinculada a um fato e evento presenciado, contextualizadas em um meio sócio-histórico-cultural. A partir disso, entende-se que a identidade é um processo que se constrói na relação com outrem. Deste modo, o sujeito é e está sempre em relação.

Estas questões levantadas demonstram a relevância da compreensão deste conceito como fundamental para pensar o sujeito e/ou cliente na Musicoterapia. Direcionado a isso, percebe-se o vínculo existente entre a identidade musical do sujeito e sua identidade cultural, construídos e sustentados no processo de identificação e diferenciação que este passa ao longo de sua vida. Ou seja, entender que este sujeito, atuante na sociedade, é dinâmico. Concepção na qual postula um sujeito que caminha entre a subjetividade e a objetividade, quando se percebe nas relações e quando transcende, podendo ter uma visão de si mesmo e do contexto que vive.

Ao transcender, o musicoterapeuta é desafiado a refletir sobre sua identidade, a identidade de seu cliente e de sua profissão, contextualizados sempre no cenário cultural onde vive.

Referências Bibliográficas

- BRUSCHI, Michel Euclides; GUARESCHI, Neuza Maria de Fatima; MEDEIROS, Patrícia Flores de. **Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento.** In: *Psicologia Social nos Estudos Culturais: Perspectivas e desafios para uma nova psicologia social.* BRUSCHI, Euclides Michel; GUARESCHI, Neuza Maria de Fátima (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 23-49.
- CUNHA, Rosemyriam. **Jovens no espaço interativo da musicoterapia: o que objetivam por meio da linguagem musical.** 2001. Dissertação para exame de Mestrado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- CHAGAS, Marly. **Musicoterapia: Desafios da Interdisciplinaridade entre a Modernidade e a Contemporaneidade.** 2001. Dissertação para exame de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.
- HALL, S. **Quem precisa da identidade? In: Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais.** SILVA, T.T. (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-131.
- KUPER, Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos.** Tradução de Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia.** Tradução: Marie- Agnes Chauvel. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- RUUD, Even. **Music and Identity. In: Music Therapy: improvisation, communication, and culture.** Gilsum, NH: Barcelona Publishers, 1998. p. 31-48.